

REVISTA ARTERIAIS >>> EDITORIAL

A Revista Arteriais lança sua edição nº 6 com artigos que discutem questões importantes de Norte ao Sul do Brasil, engendrando um pensamento crítico e reflexivo acerca das artes visuais, música, videoarte, e demais proposições poéticas realizadas em nosso país. A Arteriais é a primeira revista de pós-graduação em artes da Amazônia, e objetiva estabelecer um processo dialogal entre artistas, pesquisadores e críticos, com a premissa de criar espaço para um debate significativo, aberto e potente.

Na seção *PORTFÓLIO Bené Fonteles* apresenta sua arte com matrizes da cultura brasileira, mitos e referências de vários saberes. Sua natureza-xamã, é um estar na vida, uma maneira de fazer arte de forma sensível com grande teor político, que se mistura com sua própria existência. *Antes Arte do que Tarde*, exclama o artista! Evocando-nos, partilhando conosco sua experiência artística e a verve de uma voz resistente, que nos envolve com suas performances, instalações e imagens.

Na seção *ARTIGOS*, temos reflexões e apontamentos sobre distintos processos artísticos, em *Arranjo ou composição? Usos e abusos do idealismo na pesquisa musicológica e na educação musical*, Marcos Câmara de Castro sugere que a hipótese idealista, às vezes indica padrões arbitrários e opressores, e que esta despreza todo um patrimônio que se apresenta na diversidade; o artigo propõe uma visão materialista que se direciona para uma perspectiva crítica do senso comum e sinaliza outras formas relacionais possíveis. Também abordando procedimentos musicais, *Para servir à Deus e à Nação: A recepção da música religiosa de José Maurício Nunes Garcia no panorama da restauração musical católica no Brasil*, Fernando Lacerda Simões Duarte analisa como a música religiosa de Garcia foi percebida no cenário brasileiro, repercutida por críticos e por parte da historiografia, tornando-se um mito fundador da brasilidade na música sacra. Memória e identidade são referenciais acionados na perspectiva do autor que aponta para uma equiparação cultural com a Europa como principal argumento para aceitação, ainda que de maneira negociada em alguns aspectos, refletindo sobre os mecanismos complexos envolvidos.

A conversação entre as linguagens fomenta o debate fluído no artigo *21 - Experimentação poética: arte e memória de uma comunidade no Nordeste do Pará, Amazônia, Brasil* onde Líliam Barros e Marcos Cohen refletem sobre a transversalidade entre música, prosa, poesia, fotografia e desenho. Tendo como viés interpretativo uma pesquisa histórica e etnográfica de uma comunidade rural amazônica, foram desenvolvidas quatro crônicas e uma poesia pela autora do livro, quatro fotografias da mesma autora, cinco desenhos do artista paraense João Bento, e cinco músicas para piano e clarinete do compositor paraense Marcos Cohen constituindo, no encontro com a comunidade, um conjunto especial de trabalhos. Em *Estéticas nômades: Belém, Manaus e o circuito nacional do comércio de arte*, Moema Alves analisa, através do caso da viagem do pintor fluminense Antônio Parreiras para o Norte do Brasil, como se dava a articulação no mercado da arte e no fluxo dos artistas, e como circulavam as obras, sugerindo que esse deslocamento não é só geográfico, mas possui questões que permeiam nossa leitura da história da arte no Brasil.

No artigo *Entre o arquivo de aruanda e o repertório do amor, a passagem queer até uma outra brasilidade: uma análise dos videoclipes das canções "Cavaleiro de Aruanda", interpretada por Ney Matogrosso, e "Carta de Amor" de Maria Bethânia*, Marivi Véliz reflete sobre dois vídeos que, de forma potente, abordam os temas sexualidade, gênero e tradições populares: "Cavaleiro de Aruanda", interpretada por Ney Matogrosso, e "Carta de Amor" por de Maria Bethânia; articula sobre as recriações de estéticas ancestrais e os rituais presentes nas imagens constituídas pelos artistas em seus cantos-invocações.

No âmbito da fotografia temos o artigo *Vou postar no instagram! O narcisismo e a fotografia contemporânea*, de Amanda M. P. Leite, onde aborda a vaidade, o fetichismo visual contemporâneo e as possibilidades de tomar a fotografia como um dispositivo que necessita ser pensado e empregado como aparato de ruptura de práticas sedantes, em um mundo repleto de imagens. No artigo *A geração 80 no Amazonas e a trajetória de Cristóvão Coutinho: a eloquência*

da pintura e a discricção do graffiti art (1985–2017), Sávio Luis Stoco e Ricardo Agum Ribeiro refletem acerca da geração de artistas dos anos 1980 que movimentou o cenário artístico em Manaus, além de discutirem a trajetória do artista amazonense Cristóvão Coutinho, com análise sobre um período histórico que requer atenção, revelam embates e complexidades ainda pouco discutidas, bem como evidenciam a significação do percurso artístico de Coutinho.

Em *A opção terceiro-mundista de Mário Pedrosa*, Carmem Palumbo tem como objetivo lançar luz ao trabalho de Pedrosa, no sentido de revelar o desejo de descolonizar o pensamento, e assumir para o Brasil um protagonismo, um locus de enunciação das narrativas que foram subalternizadas ao longo da história nos países do terceiro mundo. No artigo *Arte na era do Antropoceno*, as implicações dos impactos ambientais empreendidos pelo homem são pontos de atenção para se pensar esta nova era geológica, discutida em outras áreas do conhecimento, e observadas aqui na relação entre arte e natureza e suas implicações ideológicas no contexto da arte, a partir das questões tratadas no Projeto *Rotas Esquecidas*. Em *A fotomontagem na timeline: o vídeo Aféfé Ikú de Samy Sfoggia*, Elaine Tedesco faz uma leitura do vídeo constituído a partir de processos híbridos do uso de fotografias, imagens em movimento e apropriação de vídeos e áudios da internet, relacionando o processo de edição do artista ao princípio das fotomontagens, estabelecendo diálogo com a história da fotografia e teóricos da imagem.

São múltiplos olhares que nos convidam a ampliar nossas perspectivas de ver a arte!

Os editores

Belém do Pará, verão 2018.